



Fábio Régio Bento

Professor Associado da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade S. Tommaso D'Aquino (Roma, 1996). Mestre em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana da Pontifícia Universidade Lateranense (Roma, 1992). Pós-doutorado junto ao Núcleo de Estudos da Religião (NER) do PPG em Antropologia Social da UFRGS com pesquisa sobre Religião e Revolução na América Central.

“Eu vejo você, Mara”. Buda viu Mara em ação e não se assustou, nem deu corda para ele. Não brigou com Mara nem entrou no mérito de suas narrativas. Jesus viu o príncipe deste mundo em ação e não se assustou nem deu corda para ele. Ver Mara e a sua normalidade samsárica faz parte do caminho de libertação da visão, dos olhos, faz parte da mudança da normalidade samsárica para a normalidade da Sabedoria.

Como a gente pode ver Mara? Com a prática da meditação, oração. Entre os tantos e maravilhosos métodos de meditação um deles é o método prático de meditação apresentado pelo Senhor Buda no Satipatthana Sutta, um ensinamento prático usado não somente por budistas, mas como treinamento de plena atenção também por cristãos e leigos. O que compartilharemos aqui será apenas o modesto ponto de vista empírico de um praticante amador.



Meditação, Militância e Transcendência - Fábio Régio Bento



MEDITAÇÃO, MILITÂNCIA E TRANSCENDÊNCIA

Com comentários de
Frei Betto e Rodrigo Estrada

FÁBIO RÉGIO BENTO

Sentamos em meditação e Mara vem junto. “Eu vejo você, Mara” (Buda). Ele é como aqueles conhecidos que entram no quarto quando você está lá sem bater à porta. Não existe privacidade no reino de Mara, ele está por tudo, afinal Mara é o senhor do samsara, o “príncipe desse mundo”, o samsara é o seu reino e o samsara é onde estamos. Sentamos em meditação, porém, e a Sabedoria vem junto, nos mostrando, nos cuidando, nos orientando para não ficarmos presos nas aparências (figuras) do mundo que passa. A normalidade desse mundo é uma normalidade bizarra, por mais que seja apresentada como sendo “normal”.

Fábio Régio Bento

Meditação, militância e transcendência

Com comentários de Frei Betto e Rodrigo Estrada



CEPRIR

- João Pessoa -

2022

© Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião - CEPRIR, 2022

Vedada, nos termos da lei, a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios, sem autorização, por escrito, da editora.

Coordenação editorial - Fábio Nobre
Diagramação e arte da capa - Fábio Nobre
Crédito da foto - Fábio Régio Bento
Revisão técnica - Fábio Nobre

1ª edição, 2022

CEPRIR

ceprir.wordpress.com
Facebook: @ceprir.edu
Instagram: @ceprir_edu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bento, Fábio Régio

Meditação, militância e transcendência [livro eletrônico] : com comentários de Frei Betto e Rodrigo Estrada / Fábio Régio Bento. --
João Pessoa, PB : Ed. do Autor, 2022.

PDF

ISBN 978-65-00-42000-5

1. Budismo 2. Criação 3. Cristianismo 4. Deus
5. Meditação (Budismo) I. Frei Betto. II. Estrada, Rodrigo. III. Título.

22-105537

CDD-294.392

Índices para catálogo sistemático:

1. Meditação : Budismo 294.392

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Dedico este livro aos amigos humanos e não humanos vivos e falecidos, aos parentes paternos e maternos vivos e falecidos de Canguçu e Piratini. A todas as mestras e mestres vivos e falecidos. A todos os antecedentes e descendentes com os quais estamos em conexão permanente. Que nossas conexões sejam de amor. Que todos estejam bem. Que todos estejamos bem.

“Tudo é mistério” (Alceu Amoroso Lima)

Índice

1. Considerações sobre uma suposta normalidade	7
2. Meditação como treinamento de Sati	10
3. Ética social local e internacional a partir de Sati	16
4. Popularização da meditação silenciosa como treinamento de Sati-Sofia	21
5. Fronteiras – sobre a questão das especificidades	24
6. O refúgio de Sati	26
7. Nabostê	28
8. Horizonte socialista	30
9. Meditação, militância e transcendência	32
10. Comentário de Frei Betto	35
11. Comentários de Rodrigo Duque Estrada	37
12. Resposta a Rodrigo	39
Referências	40

1. Considerações sobre uma suposta normalidade

Sentamos em meditação e Mara vem junto. “Eu vejo você, Mara” (Buda). Ele é como aqueles conhecidos que entram no quarto quando você está lá sem bater à porta. Não existe privacidade no reino de Mara, ele está por tudo, afinal Mara é o senhor do samsara, o “príncipe desse mundo”, o samsara é o seu reino e o samsara é onde estamos. Sentamos em meditação, porém, e a Sabedoria vem junto, nos mostrando, nos cuidando, nos orientando para não ficarmos presos nas aparências (figuras) do mundo que passa. A normalidade desse mundo é uma normalidade bizarra, por mais que seja apresentada como sendo “normal”.

Tomemos como exemplo o filme *O Exorcista*, aquele que certamente marcou época. No filme, durante um dos exorcismos, o padre mais jovem ficou aterrorizado com as sensações de culpa quando o demônio operou com as imagens de sua mãe, capturando-o pelo seu ponto fraco, fazendo-o pensar que ela estaria triste por não ter sido cuidada por ele. E isso arrastava o padre, o dominava, o possuía. Possuído pela culpa, remorso, ressentimento, arrependimento, dúvida moral, crença na solidez das identidades (aparências) o padre era empurrado internamente para lá e para cá por essas imagens, sensações nas quais ele acreditava e se entregava mesmo sem querer. O padre mais velho o advertia que aquilo era jogo de Mara, mas mesmo assim ele, surpreso, cria naquilo e era arrastado por essas imagens-sensações.

No filme emerge também a ideia segundo a qual haveria uma situação de normalidade, na qual surge uma possessão seguida de exorcismo e de retorno à normalidade. Mas o que seria essa normalidade? Há alguma normalidade no samsara? Há alguma normalidade nesse mundo do qual Lúcifer é o príncipe? O filme destacou a noção segundo a qual o demônio atuaria de forma “assustadora”, com idiomas desconhecidos, sons guturais e cenas excepcionais em relação ao que consideramos ser o padrão normal de corpo. O próprio demônio seria assim meio como um zumbi, associado a imagens de corpo esteticamente feias segundo padrões humanos de beleza.

No cristianismo o demônio é Lúcifer, um ser luminoso, inteligente, astuto, sem forma, uma espécie de vapor que assume a forma que quiser no seu mundo, no seu reino. O mundo de Lúcifer não é o Planeta Terra nem os seres que aqui estão, mas um modo de ver e se mover no Planeta Terra caracterizado pela credulidade, pela crença na solidez das aparências (identidades pessoais e coletivas e entorno delas) que chamamos de realidade. Lúcifer trabalha com visão, com modo de ver, com crenças, com uma sua moralidade. Entretanto,

mesmo na visão tradicional, Lúcifer não é mal absoluto, mas relativo, um anjo decaído, ou seja, um ser de natureza divina que, por meio de um modo de ver, nos prende no seu reino, no seu mundo e, nesse estar presos no seu reino, nos sentimos sufocando, nos sentimos sem ar, apertados.

Podemos então pensar em duas formas de possessão da visão: ordinária e extraordinária. A ordinária é a possessão da visão cotidiana que chamamos de normalidade, a normalidade da oscilação entre estar bem e estar mal que caracteriza o samsara. A extraordinária seria a do filme ou coisas como o nazismo, devoção política à violência, genocídios de ontem e de hoje, opressão, guerras.

Lúcifer, Mara, duas palavras diferentes para se referir ao príncipe desse mundo, ao senhor do samsara. Diferente da possessão extraordinária, a possessão ordinária, a da normalidade cotidiana, oscila entre o bonitinho e o feinho, entre o bonzinho e o mauzinho. A possessão ordinária é possessão da visão, dos olhos, do olhar, do como vejo o que acho que estaria vendo. A gente fica assim tentando consertar o modo de ver e viver do mundo em vez de praticar o estar no mundo (amando, cuidando) sem ser do mundo, sem ficar preso nessa “normalidade” samsárica. Pela meditação, vamos nos mudando do lugar da normalidade samsárica para o lugar da normalidade da Sabedoria.

Assim, uma das estratégias de Mara é mostrar a sua normalidade no samsara como sendo quase como um céu. O céu de Mara, inferno com cores e gradações diferentes. Fora da normalidade do samsara está, felizmente, a normalidade da Sabedoria que nos orienta, nos ama, nos indicando como sair da normalidade de Mara e como se mover no mundo sem ser mais capturado pelo mundo. Assim, em vez de tomar refúgio na “parte doce” da normalidade de Mara, o outro lado constitutivo da sua parte azeda, tomamos refúgio na normalidade da Sabedoria.

Uma das armadilhas de Mara para nos fixarmos em sua normalidade é a armadilha do conserto do samsara. Por paradoxal que possa parecer, Mara atua por meio de moralidades, de virtudes de conserto das identidades do mundo. Jesus, em vez de pedir conserto, pedia amor e desapego do mundo: “deixa que os mortos enterrem seus mortos, quanto a ti deixa tudo, vem e segue-me”. Isso não significa indiferença, mas ação social não condicionada pela “normalidade” samsárica de Mara, um tipo de mobilização diferente da visão-mobilização condicionada pela normalidade samsárica. Trata-se de superar, com a ajuda da Sabedoria, aquele problema de visão identificado por Jesus com a questão do “ter olhos, mas não ver”.

“Eu vejo você, Mara”. Buda viu Mara em ação e não se assustou, nem deu corda para ele. Não brigou com Mara nem entrou no mérito de suas narrativas. Jesus viu o príncipe deste mundo em ação e não se assustou nem deu corda para ele. Ver Mara e a sua normalidade samsárica faz parte do caminho de libertação da visão, dos olhos, faz parte da mudança da normalidade samsárica para a normalidade da Sabedoria.

Como a gente pode ver Mara? Com a prática da meditação, oração. Entre os tantos e maravilhosos métodos de meditação um deles é o método prático de meditação apresentado pelo Senhor Buda no *Satipatthana Sutta*, um ensinamento prático usado não somente por budistas, mas como treinamento de plena atenção também por cristãos e leigos. Há vários especialistas nesse ensinamento e o autor destas páginas não é um deles. O que compartilharemos aqui será apenas o modesto ponto de vista empírico de um praticante amador.

2. Meditação como treinamento de Sati

Vamos utilizar aqui a palavra Sati simplesmente como lucidez. Treinamento cotidiano da lucidez. Sati não é uma medalha que podemos ou não ganhar, um dom extrínseco, uma “graça” de fora, mas algo que já está ali disponível em nós. Acho que, num certo sentido, Sati é o que realmente somos, mesmo sem saber de o ser. O que nos define para aquém e além de corpo, nome, sobrenome, biografia. Sati é mente lúcida que está ali esperando por treinamento para poder ser plenamente aquilo que já é porque sempre foi (manifestação). Percebemos na meditação nossas confusões a partir de Sati, que vê, orientados por uma força de amor lúcido que nos orienta e sustenta nas tomadas de decisão, no nosso “dizer sim, quando é sim, ou não, quando é não”.

A meditação é o momento solene de treinamento de Sati, mas tal treinamento continua quando levantamos do tapetinho de meditação. Sati é o treinamento sem interrupção de olhar a partir de Sati durante a meditação solene e no curso das atividades.

Sati é a mente que olha (contempla) também as perturbações, aflições que surgem sem ser arrastada por elas. Olhando o que surge sem analisar, sem dar encaminhamento, sem dar “corda” para as narrativas que surgem junto com as perturbações, aflições, vamos ganhando um espaço de liberdade em relação a essa forma comum, tradicional de possessão que é o engajamento nas narrativas de Mara que surgem junto com os sobressaltos das aflições, perturbações. Olhando sem se engajar, contemplando as sensações apenas enquanto sensações sem dar encaminhamento - conforme tal amorosa instrução prática de prática ensinada carinhosamente pelo Senhor Buda para todos, de todos os tempos e tradições -, um espaço de liberdade-lucidez vai se manifestando-ampliando. Praticando a simplicidade desse método milenar vamos sendo menos arrastados pelo que surge, trocando o automatismo, o imediatismo pela contemplação do que surge sem engajamento imediatista no que surge.

Sati é a mente que não é arrastada. Assim, treinando essa mente que é nossa mente primordial, não somos arrastados também no nível da energia, do coração. Aquilo que antes nos assustava agora não exerce dominação. Com Sati vamos transformando a visão de assombração até mesmo em visão de diversão. Mas Sati não vive de rendas. Sati ontem continua hoje, pois Mara trabalha sempre. Sati sempre pois para perder a visão de Sati e sucumbir na visão comum basta seguir uma alteração nos vapores oscilantes no âmbito da energia. Seres iluminados como Buda e Cristo meditavam sempre como quem entra em retiro

e nunca mais sai dali, mesmo saindo geograficamente de lugares físicos considerados de retiro. Uma vez com Sati, para sempre com Sati, pois Sati é o que sempre foi, é e será. Às vezes uso também a palavra Sofia para me referir a Sati. Tomo essa liberdade hermenêutica como praticante amador e isso tem funcionado comigo. Sofia não é estudo, livro, biblioteca, mas os olhos lúcidos por trás dos olhos. Sati, Sofia estão disponíveis, mas para isso é preciso praticar o silêncio da meditação cotidiana. Treinamento cotidiano.

Sati é mente descrente e desobediente. Não crê nas narrativas de Mara, as narrativas comuns da “normalidade”, nem as obedece. Não briga com elas nem obedece. É a partir de Sati que vamos percebendo que aquilo que parecia concreto, é abstrato, e aquilo que parecia abstrato, é concreto, pois a vacuidade agápica é a residência natural de Sati. Os conflitos internos e externos continuam, mas agora sob a orientação lúcida, amorosa de Sati-Sofia.

O corpo físico, por exemplo, parece concreto, mas é abstrato. Caminhando pelos campos vemos ossos de gado já desconectados que um dia estiveram conectados. Nossos ossos de corpo humano, como sabemos empiricamente, são ossos desconectados que ainda estão conectados. Olhando corpo enquanto corpo e sensações enquanto sensações vamos vendo várias coisas abstratas que antes pareciam concretas e várias coisas concretas que antes pareciam abstratas.

No treinamento cotidiano de Sati podemos ver por exemplo o vazio, a vacuidade, o espaço amplo enquanto espaço. Vemos os riscos de lápis de cor numa folha em branco (narrativas), vemos a folha em branco e vemos o espaço onde tal folha flutua. Quando se pacificam os riscos de lápis de cor (narrativas, imagens, lembranças), fica o vazio, espaço amplo. E nesse vazio repousamos. Um vazio vivo, lúcido, agápico, livre. Muitos praticantes acabam trocando tantas viagens que antes faziam pela prática cotidiana de meditar diante de uma mesma parede branca porque tem alguma coisa ali onde parecia não ter nada, e não tem tanta coisa assim ali onde antes parecia haver tanto.

A partir de Sati vemos o coração, vemos o que se passa no âmbito da energia onde surgem impulsos de vários tipos. Todos sabemos que mesmo tomando uma decisão intelectual, como, por exemplo, comer menos, depois, diante de um pote de ambrosia nossa energia vibra e, antes de pensar muito, atropelando decisões intelectuais, já estamos na terceira porção de doce. Ora, não é que fazemos meditação como auxiliar técnico para dietas,

mas sabemos que os impulsos são coercitivos mesmo e atropelam nossas decisões intelectuais. O mesmo para raiva (diferente de ira), medo, tristeza e empolgação. Não adianta consertar a narrativa intelectual pois os impulsos nem tomam conhecimento dos consertos que fazemos nessas narrativas. Mesmo fazendo o propósito de não brigar no trânsito, na terceira buzina podemos fazer coisas que não queríamos fazer condicionados pela coercitividade dos impulsos. Bem, na meditação, a partir de Sati olhamos os impulsos surgindo, treinamos isso, olhamos as movimentações que surgem no âmbito da energia.

A partir de Sati vemos o que surge sem crer nem obedecer. Nesse sentido a cada meditação praticamos votos de pobreza (desapego do ter e ser fabricados), liberdade (desapego em relação ao poder) e castidade (desapego em relação aos gostos e desgostos, confortos e desconfortos também de tipo sensual). Em Sati, a prática diária desses votos não ocorre por esforço ascético, mas pelo contemplar o que surge sem dar encaminhamento, sem entrar nas narrativas, como quem vê uma moto passar, não briga com ela, nem sobe nela. Em Sati treinamos o soltar o que surge no nível da energia, da mente, do corpo. Em vez de agarrar, não agarrar e, se agarrar, soltar. Para isso ajuda a prática da confiança na experiência da vacuidade bondosa, amorosa, agápica que, para uns, pode ter um significado leigo e, para outros, pode ter um significado religioso. Aquele abismo vazio que, no início, assusta, depois, ao ser percebido como vazio agápico, nele tomamos refúgio, nele soltamos a desconfiança, e tal lugar não é uma doutrina, uma teoria, mas lugar consolador e mobilizador (mobilização agápica) que encontramos na experiência cotidiana do silêncio vivo antes, durante e depois da meditação.

Olhando aqui e ali, num certo momento, a partir de Sati percebe-se o vapor de Mara ali pelas movimentações no nível da energia e ver Mara em vez de deixar triste ou assustado, pode deixar mais feliz, mais alegre pois ao ver Mara percebemos que não somos Mara, assim como não somos os vários microrganismos que perambulam pelo corpo nem o próprio corpo, do qual cuidamos, mas sabendo que não somos ele. Não somos Mara nem os condicionamentos de Mara na forma de venenos fortes como o da ignorância, ganância e raiva (javali, galo e cobra na roda do samsara).

Se a moto do medo passa, a gente olha ela sem subir nela. Quem nos faz crer que tal moto metafórica seja sólida e importante e quem nos convida a nos engajarmos nela? Ao perceber Mara percebemos que não somos Mara. Assim, nos absolvemos um pouco mais e absolvemos também os outros um pouco mais. Aliás, o que seria mesmo isso que chamamos de eu e de outro? Na literatura de algumas espiritualidades, às vezes a figura do eu aparece

como um mal a ser combatido. O corpo já foi combatido, sobretudo o corpo da mulher, com asceses severas por ter sido “demonizado”; a sensualidade já foi combatida por ter sido demonizada. E às vezes o eu também é demonizado, vilipendiado ou transformado em bode expiatório. Ao se livrar do eu estaríamos finalmente livres. Mas seria esse método de luta contra o eu um bom método? Seria realmente eficaz em termos de pacificação interna, de quietude ativa? Em vez de combater o eu talvez seja melhor perceber quando surge o apego a tal sensação de alguém que chamamos de eu.

Uma amiga que estudou a obra de Freud me disse que, para ele, “o eu seria um pobre coitado, vítima de uma dupla dominação, a do id e a do superego”.

O id, como sabemos, nesse resumo pessoal bem resumido, representa a ousadia, o arriscar; o superego representa o controle, a prudência (não falo mal do ego nem do id nem do superego do mesmo modo como não falo mal dos rins, fígado e intestino). O ego é quem decide, na sua relação com o mundo externo, se é o caso de ultrapassar aquele caminhão que está na sua frente na estrada ou esperar um pouco mais. Se ficar sem ultrapassar (excesso de prudência), vai se formar uma fila atrás de você. Se ultrapassar logo (ousadia), pode bater. Então quem decide isso é o ego, nessa relação com id, superego e mundo externo. Ora, coitado do ego, cansado de tanta decisão e, ainda por cima demonizado por culturas religiosas e leigas, como se esse pobre coitado que nos ajuda a tomar decisões em situações complexas fosse o culpado pelos males presentes, passados e futuros. Certo que o ego pode ser dominado por certo vitimismo, narcisismo, mas mesmo em tal caso o próprio ego é a vítima desse vitimismo esperando por ajuda na libertação em vez de mais críticas e condenações leigas ou religiosas.

Em vez de brigar com o ego, podemos, carinhosamente, dizer para ele tirar férias, reconhecendo seus serviços: “Querido ego, muito obrigado por tudo, agora entendo seu estresse que é mesmo muito antigo e entendo sua agitação. Por isso, concedo-lhe férias. Não é demissão, não é briga, é férias concedidas com gratidão por seu serviço. Muito obrigado e boas férias”. Assim, com a prática do desapego em relação a tal sensação de alguém, todos descansamos um pouco mais num espaço de lucidez melhor para continuar tomando as decisões cotidianas nessa nossa transição nesse lugar que chamamos de “aqui”.

Ao dar férias para o ego sem brigar com ele, repousamos na “inexistência”, que pode nos fazer pensar em kenosis (esvaziamento) não como ascese, como virtude, mas como encontro com o vazio, vacuidade viva. Esvaziamento como lugar amplo que já está e não como conquista de alguma medalha espiritual pela ascese de esvaziamento. E tal vacuidade não é

niilista no sentido de relativismo moral, onde tudo pode porque nada é. A vacuidade é constitutivamente ética, há uma moralidade ínsita na vacuidade que é lucidez, ágape, para quem do relativismo das normas leigas e religiosas que se formulam e se reformulam constantemente no samsara leigo e religioso.

O teólogo católico alemão Klaus Hemmerle, que tive a felicidade de conhecer pessoalmente, costumava dizer, sorrindo que “quando somos, não somos, e quando não somos, somos”. Inexistência sem esforço, pois, de fato, o não ser é o que é, sem nunca ter sido montado. Assim em vez de defendermos com unhas e dentes o que pensamos ser, podemos soltar tal apego fabricado e descobrir o que somos antes mesmo de ser o que pensávamos ser. Isso não significa despersonalização pela prática daquela degeneração leiga e religiosa identificada com a macabra palavra “obediência”. Inexistência como personalização pela descoberta da liberdade coletiva agápica profunda que somos com todos antes das identidades separadas artificialmente montadas.

Ora, se Sati nos ajuda, Sati não é o que somos, mas seria uma nossa característica. Se não somos Mara, nem o ego, dado que podemos ser inexistindo, o que é isso que olha o que é e o que não é a partir de Sati? Se não somos o corpo, que um dia vai ficar como ossos desconectados, nem nome e sobrenome, coisas que cessam depois do último documento de nome e sobrenome, o atestado de óbito, o que somos? Paulo, em uma de suas cartas, escreveu assim: “Já não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim”.

Nessas páginas, repetindo, estamos apenas compartilhando noções empíricas de um praticante amador. Elas não têm nenhum valor doutrinal nem “científico”. Não estou nem citando os dados sobre as fontes para deixar bem claro que o que estou escrevendo não é sério, na forma como se entende seriedade na linguagem acadêmica leiga ou confessional.

Bem, se não somos o ego, nem o fígado, nem nome e sobrenome, o que somos? Esse eu que somos em nossa modesta opinião de praticante amador é a divindade por participação. Somos Cristo por participação da mesma forma como o raio de sol é sol por participação, da mesma forma como a gota do mar é mar por participação, da mesma forma como um pedaço de espaço é espaço amplo por participação. Ou seja, não somos humanos, mesmo se estamos sendo corporalmente humanos agora, mas somos seres divinos, seres crísticos ofuscados pela confusão que, por meio da prática do treinamento de Sati, no contexto do amor recíproco e da confiança amorosa na vacuidade viva vamos descobrindo nossa identidade original, raio do

sol, gota do mar, espaço do espaço. Nisso poderia haver algum orgulho? Não, pois todos somos de natureza divina, inclusive as formigas e moscas. Tudo o que é vivo enquanto aparência transitória, é de origem divina. Então ninguém pode esnobar isso numa festa como quem apresenta sapato novo: “Oi querido, eu tenho identidade crística e você não”, pois a natureza divina é de todos os raios conectados ao sol. Somos seres divinos e a boa notícia é que por meio do treinamento de Sati-Sofia, no contexto do amor recíproco e da confiança amorosa na vacuidade viva podemos ir pacificando as relações e sendo sempre mais aquilo que já somos desde os tempos sem tempos, mesmo sem saber.

Nesse processo gradual de descoberta (despertar) do que somos e do que não somos, um processo coletivo, comunitário, vai se realizando o que poderíamos chamar de propagação da tomada de consciência da nossa natureza divina e penso que, nesse se descobrir não humano, sem ser contra o humano, aliás, cuidando de todos os seres, está uma noção diferente de progresso. Progresso da humanidade, da Seridade (todos os seres), como descoberta da própria natureza divina, agápica.

A prática de Sati-Sofia vai mostrando o que já está ali e vai, também, nos ajudando a encontrar modos de vida (ética) mais adequados para as relações locais e internacionais no samsara. Fica assim mais claro que não podemos viver em uma sociedade melhor no âmbito local e internacional sem meditação, sem a prática cotidiana da lucidez compassiva contida na experiência de parar ao menos uns minutos por dia para ver o que está acontecendo nesse fora-dentro, ou dentro-fora. Meditação vista não como algo exótico, solipsista, mas como algo coletivo (na solidão da meditação encontramos o Somos) de utilidade pública local-internacional.

3. Ética social local e internacional a partir de Sati

Será que nós, humanos, somos realmente “sujeitos da história”? Tal afirmação esconde certa arrogância antropocêntrica. Se a terra trancar em algum quebra-molas no espaço vazio do universo, morremos todos em segundos. Se o sol soltar um soluço também morremos todos em segundos. Não somos essa bola toda. Sujeitos da história? A história, na verdade, come nossas carnes, nossos cabelos, nossas unhas, nossos documentos, nossos nomes e sobrenomes, esparrama nossos ossos pelo campo, como faz com os animais que morrem no campo, ou nos caixões, como faz em nossos cemitérios humanos. A história come tudo inclusive os supostos sujeitos da história. Cessam os corpos, comidos pela história e cessam também nossas narrativas. Sobram apenas os vapores quentes ou frios das nossas ações condicionadas pela confusão ou motivadas por um pouco de lucidez e amor.

A história chupa nossas carnes para dentro da terra, mas, mesmo assim, continuamos nos movendo na história sem olhar atentamente para tal verdade empírica. Vamos num funeral e sentimos pena do morto e de seus familiares como se aquilo fosse uma coisa deles. E continuamos no celular fazendo nossas compras, pagando nossas contas, organizando festas ou novos projetos sem ter como base a realidade (não é uma doutrina) búdico-crística da impermanência.

Quando alguém percebe a impermanência e comenta com um amigo, quem escuta geralmente aconselha a “olhar em frente”, seguir preso na felicidade do samsara, agora sendo y em vez de x, como se a coisa fosse questão de trocar de identidades. Entretanto, perceber que não tem nada de substancial em nossas narrativas esperançosas em relação ao futuro já é algo em direção à libertação do aprisionamento nas aparências de solidez naquilo que não é sólido, ou seja, não é realidade absoluta, mas realidade relativa. Senhores e senhoras da história que, na verdade, estamos na mesma situação das formigas e abelhas, nossas construções são tão relativas quantos suas colmeias e formigueiros, só que elas são mais realistas e humildes do que nós.

Vilfredo Pareto constatou que “*la storia è un cimitero di aristocrazie*” e anotou isso em seu *Trattato di sociologia generale*, na parte dedicada ao estudo da circulação das elites (vol. II, Barbèra Editore, 1916, pag. 476).

Ora, constatar isso não significa defender imobilização, mas fundar a mobilização numa base realista diferente da base antropocêntrica arrogante da modernidade, diferente também da base teocêntrica, na verdade eclesiocêntrica dos Estados confessionais de ontem e de hoje.

Viajando por Roma, vemos que o Coliseu hoje é ruína. O império romano passou. Passaram as elites e o povo romano. Sobraram ruínas. Então olhando a história vemos isso. Não estamos olhando para uma religião para ver isso. Basta olhar para os ossos dos pais, para os ossos do gado desconectados, soltos, esparsos pelo campo. Não sei se as formigas e abelhas percebem isso com clareza, mas sei que nós percebemos isso e fazemos de conta que não é bem assim. Em vez de investigar a fundo sobre isso a partir de tal realismo, como o fizeram Buda e Cristo, preferimos fazer de conta que é assim mesmo e “aproveitar a vida” antes que acabe, ou tentar consertar as identidades, como quem costura sacolas de plástico para carregar cocos, mesmo sabendo que até aquilo que foi consertado vai acabar, sem pesquisar a fundo sobre essa característica constitutiva de impermanência de tudo aquilo que surge e cessa como o são nossos corpos físicos e políticos, locais e internacionais.

O realismo da impermanência, de fato, nos mostra que tudo o que surge, cessa. Reformas, revoluções, elites, narrativas, povos, cidades, bairros, problemas, aflições conjunturais e estruturais, notícias políticas, econômicas. Tubos de creme dental também nascem e morrem. Frascos de shampoo também surgem e cessam. Almoços nascem e morrem. A louça suja, lavada, renasce e se transforma de novo em louça suja. Aquele retiro lindo, terminou. Aquela meditação maravilhosa, acabou. Presos no êxtase, os meditadores podem se revoltar com a perda da felicidade espiritual e cobrar de Deus a continuidade daquela alegria que, na verdade, tornou-se, pelo apego, alegria mundana de tipo espiritual no reino de Mara. Mas não há como confiar na felicidade de Mara, nem naquela de tipo leigo nem naquela de tipo religioso.

Então há esse movimento constante, incessante de surgimento e cessação, que se mostra na política conjuntural ou estrutural e, também, no âmbito das sensações mundanas (leigas-religiosas). De fato, Pareto afirmou o que afirmou estudando a realidade na sua forma de circulação das elites que surgem e cessam. Mas não são só as elites que circulam.

Do ponto de vista do tempo de duração (no *chronos*) dos corpos políticos e econômicos, usamos as expressões estrutura e conjuntura. Estrutura indica um corpo político e econômico com um prazo de duração maior, como foi o feudalismo. Conjuntura indica um

corpo político e econômico com um prazo de duração menor, como um determinado candidato e grupo político eleito, aclamado e, depois de algum tempo, abandonado.

Estrutura e conjuntura são realidades relativas, temporárias. Perceber que tudo que sobe, desce nos ajuda na meditação a não ficarmos condicionados pelo excesso de aflição contida no excesso de engajamento político-messiânico que nos toma como se nossos candidatos fossem os salvadores de pátrias, famílias, escolas, etc. Isso não significa imobilização, mas mobilização lúcida, relativamente serena que faz algo, mas sem dar excesso de valor àquilo que agora está subindo e depois estará baixando. Tomamos partido por uma causa, no corpo físico e político, sem sermos tomados por ela.

Na Nicarágua, para citar um exemplo, muita gente liberal e socialista, católica e leiga morreu para derrubar uma oligarquia do poder. Quem lutou contra a elite de ontem ocupa hoje (janeiro de 2022) o seu lugar. Em El Salvador muito se lutou e finda a luta pouco se ganhou. Junto com novas oligarquias, novas gangues. Não tem conserto para o corpo físico e político que, quando nasce, já começa a morrer. No Brasil, um governo popular subiu e desceu e, o que parecia coisa superada, voltou, junto com crenças antigas como o terraplanismo, negacionismo pois, na circulação das elites, os vapores da insensatez ficam por aí esperando novos corpos físicos e políticos para ressurgirem.

Getúlio Vargas morreu. Dom Pedro II e seus oponentes positivistas também. Marighella foi assassinado, mas Fleury também morreu. A movimentação de surgimento e cessação de corpos, potes, narrativas continua firme do mesmo jeito como a terra continua se movendo dando a impressão de que o sol nasce e se põe. Está tudo em movimento, em circulação, inclusive as galáxias. A Terra gira ao redor do sol e a gente acha que ela segue sempre a mesma trilha, como se isso fosse algo estável, e não há muita estabilidade no movimento de uma bola gigantesca solta no vazio, mas que ao menos mostra que, de fato, é o céu que sustenta a terra.

Em Sati encontramos uma forma lúcida e realista de mobilização específica que podemos chamar de mobilização agápica (realismo búdico-crístico e mobilização agápica). A partir disso, cuidamos dos filhos e dos pais, votamos, fazemos almoços, varremos a casa, cuidamos de cachorros e gatos. Cuidar, fazer algo, mas não somos senhores da história, uma ilusão antropocêntrica que é destruidora de outros seres, passando o carro armado do lucro e de revoluções de tipo materialista sobre florestas e vida de todos os seres das florestas, um espaço de unidade entre todos os seres que os seres humanos derrubam a partir de sua visão

de supremacia humana associada à supremacia do lucro sobre a vida, “jaula de aço” da centralidade do lucro na expressão usada pelo liberal não capitalista Max Weber no final de seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Podemos e devemos fazer nossa parte, começando por trocar essa noção perigosa de humanidade pela visão mais ampla de Seridade. Podemos e devemos fazer nossa parte visitando e preservando a biblioteca das florestas e não só a de livros. Em vez de só estudar, usando livros leigos ou de doutrinas teológicas, com tantas aulas focadas na ideologia positivista do lucro e do saber tecnicista para o lucro, ou aulas para identificar finalmente a “verdadeira religião”, podemos também nos encontrar com Sati na meditação cotidiana, para perceber uma lucidez compassiva disponível que nos ajuda a contemplar a realidade da liberdade, igualdade e fraternidade que caracterizam naturalmente a vacuidade, um espaço bem mais amplo que o espaço restrito de nossas relações locais e internacionais no âmbito do Planeta Terra, e que perpassa tal espaço nos três tempos a partir do quarto tempo.

Assim talvez consigamos diminuir o ritmo frenético em que vivemos e usar um pouco mais o tempo para olhar em profundidade o que está acontecendo (contemplação), superando a ditadura da organização obsessiva do dever (trabalho) e do prazer. Olhar várias vezes, em profundidade, cotidianamente, também quando estamos sentados, correndo ou caminhando em meditação, que não é uma prática voltado para aumentar a produtividade dos empregados, não é uma atividade para aumentar o lucro de uma empresa. Esse tipo de meditação faz parte do problema e não da solução. Pode-se, claro, praticar meditação em qualquer lugar, até numa empresa, mas para superar as aflições, também as relacionadas à ditadura do lucro. Associar a meditação ao lucro é o mesmo que gostar de passarinho preso em gaiolas. Meditação numa empresa poderia ajudar a perceber que a empresa poderia ser um espaço de economia de cooperação, autogestão envolvendo o ponto de vista de todos os seres (Seridade) e não apenas o dos seres humanos e seres humanos de um único grupo social, saindo assim da prisão mental antropocêntrica de acumulação, separação, hostilidade, competição, concorrência.

Olhando ao redor a gente percebe que o planeta é vivo, cheio de seres vivos em conexão e, nessas conexões, estamos também nós, os seres humanos. Olhando assim talvez consigamos frear o genocídio cotidiano da “normalidade” do agronegócio dominado pelo lucro, produtividade e veneno. Olhando assim consideramos válidos todos os pontos de vista, não apenas o ponto de vista dos humanos, começando finalmente a praticar uma espécie de cogovernança da Seridade, autoridade das comunidades da Seridade.

Para se criar uma sociedade melhor deve-se estudar, dizem. Mas estudar como, com qual motivação e com qual objetivo? Nas faculdades positivistas leigas ou laicistas, aprende-se a soltar veneno de avião em plantações de soja assassinando e adoecendo todos os seres ao redor no altar do deus “lucro”. Nas faculdades positivistas de teologia (cristãs, budistas, etc.) aprende-se a identificar a verdadeira narrativa doutrinal e a combater os hereges. Esse tipo de ensinamento letal ocorre na “normalidade” do samsara (possessão ordinária). Ora, se ensinam cultura leiga ou religiosa de morte e sectarismo, pode-se ensinar também cultura de Sati, cultura leiga e confessional de lucidez e diálogo pelo treinamento de Sati.

4. Popularização da meditação silenciosa como treinamento de Sati-Sofia

Para fazer meditação a gente precisa querer e a gente quer depois que começa a cansar com o que antes queria e agora já não quer mais. Então o cansaço, insatisfação profunda com algo que antes não cansava e satisfazia nos faz buscar o descanso contemplativo e uma nova forma de mobilização também no momento solene da meditação. Como a gente faz meditação? Com respeito, muito respeito pela solenidade de um método salutar milenar que ninguém sabe bem de onde veio, de onde surgiu. Eu acho que a meditação veio do céu, assim como a chuva também vem do céu. E uso aqui a palavra céu entendida como espaço livre mesmo, esse céu que a gente “vê” quando fazemos a experiência visual de olhar para cima. O céu é espaço amplo, vazio, lugar sem nada, sem enfeite nenhum, sem eira nem beira. E é o céu que sustenta a terra.

No pampa, a gente olha para a frente e não vê nada fora o verde no chão, o azul no céu e o vazio diante. Quando sentamos em meditação com os olhos abertos ou fechados geralmente não percebemos o vazio pois surgem muitas imagens, palavras, lembranças, sensações prazerosas, sensações assustadoras, dúvidas, afirmações, perguntas, palavras soltas, urgências de todos os tipos que nos arrastam e empurram para lá e para cá como naquela brincadeira onde, com os olhos vendados, nos empurravam e a gente já não sabia mais onde estava.

Nessa agitação interna-externa, ficamos fervendo como lambaris ao redor de um pedaço de pão que caiu no rio. Oscilamos entre a tragédia, a comédia e o drama em poucos segundos. Nos engajamos em narrativas trágicas, cômicas e dramáticas que surgem de sons e imagens internas variando de engajamento em segundos. Assim vivemos reagindo, respondendo a impulsos como se fossem impulsos messiânicos, urgentes, indiscutíveis, dogmáticos, necessários. Creamos na sensação de realidade desses impulsos que surgem e nos engajamos neles sem nem ver em que momento exatamente assinamos com Mara a ficha de filiação no partido dos impulsos variados que surgem e cessam constantemente nessa relação entre o fora de nós e o dentro de nós, nessa relação entre a sensação de si mesmo, de outro e de entorno.

Nesse sentido, quando sentamos em meditação essa galera agitada surge saltitante em nós como crianças correndo alucinadas da sala de aula para o intervalo no pátio do colégio. O que fazer? Brigar com as crianças internas? Nem pensar. Podemos olhar para elas, perceber

elas também quando aparecem com roupas de Halloween, sem brigar com elas nem acreditar nos causos que contam. Podemos meditar como quem observa brinquedos alegres ou assustadores se movendo na loja interna de brinquedos. “Mas eu tenho medo de alguns bonecos”, diz alguém. Entretanto a gente pode olhar o medo enquanto medo, sem dar corda para ele imaginando o brinquedo do medo como um brinquedo com corda cuja movimento de corda é dado por nós mesmos, pela nossa crença e engajamento em suas narrativas.

Com a prática de Sati essa coisa toda vai acalmando, pacificando e o que antes assustava agora às vezes até diverte. Com a prática de Sati Sofia (lucidez) a gente vai percebendo que amar significa soltar, largar, não possuir, cuidar sem interesses, sem retorno. Com a prática de Sati a gente vai percebendo que se houvesse um pouco mais de popularização da prática de Sati a política local e internacional poderia sair desse excesso de insensatez no qual estamos.

O espaço vazio que sustenta a terra é algo mais próximo ao espaço com o qual interagimos na meditação, mas estamos tão acostumados a olhar para o que ocupa o espaço como se isso fosse a realidade que não conseguimos pensar no vazio que é a base, o lugar sem nada no qual o que surge, surge. Abandonar o olhar restrito, materialista de crentes ou ateus é muito difícil dado que existe uma espécie de pacto oculto (condicionado) de se crer no que se pensa que se vê. Por vermos crendo na suposta solidez do que pensamos estar vendo, rejeitamos rindo do que também vemos sem dar valor por pensarmos que seja abstrato e risível.

Em suma, treinar Sati pode ser uma boa coisa não somente do ponto de vista da libertação pessoal (Despertar pessoal), mas também nas nossas movimentações sociais, locais e internacionais (Despertar coletivo). Um pouco mais de acesso à lucidez que já está disponível na biblioteca infinita da vacuidade faria muito bem a todos. Em Sati, a valorização da liberdade, igualdade e fraternidade na Seridade.

Propor treinamento de Sati no âmbito local e internacional soa como risível para a ideologia do realismo (diferente do realismo como metodologia) segundo a qual o que conta mesmo é PIB, poderio militar, população e território. Entretanto, enquanto as risadas ecoam, o som do trem apocalíptico da insensatez “racional”, estudada, corre em direção ao abismo do assassinato do Planeta. Mas é possível abrir brechas de lucidez nisso.

“O vício é uma virtude enlouquecida”

(Alceu Amoroso Lima)

5. Fronteiras – sobre a questão das especificidades

Somos o somos e não as partes. Tomando como exemplo as fronteiras geográficas, podemos pensar da seguinte forma: o que existe é o planeta, o Uno, e as especificidades, de onde surgem as bordas, as fronteiras, são manifestações do Uno. O planeta não é o resultado da soma dos Estados. Os Estados são fabricações artificiais que surgem do Uno, do planeta. Não se trata, assim, apenas de se perguntar se fronteira seja algo ruim e propor a abolição das fronteiras, ou algo bom a ser mantido. Numa ética das fronteiras, vamos querer fronteiras como espaço de integração, e não de divisão. Mas a pergunta pode ser a seguinte: de onde surgem as especificidades? As especificidades (e as fronteiras) surgem do Uno, da Unidade. É assim também nas fronteiras entre biomas. Não é que o planeta seja a soma dos biomas. Os biomas (especificidades com fronteiras) são manifestação (especificidades) do Uno, da Unidade. O mesmo vale para os planetas. Não é que a soma dos planetas forme o sistema solar. Os planetas são especificidades do Uno, do sistema solar. O mesmo vale para o sistema solar. Não é que a soma dos sistemas solares forme as galáxias. Os sistemas solares são manifestação (especificidades) das galáxias. E assim por diante nessa contemplação ampla do mistério onde somos, estamos.

As especificidades surgem do Uno. O mesmo vale para nossos corpos, e a prova disso é também o umbigo. Olhando para o umbigo podemos contemplar o “nós”, o somos que precede o sou. Na vacuidade contemplamos o somos, o Uno de onde surgem as especificidades. Mas não precisa contemplar a vacuidade para perceber isso. Bastaria olhar de um certo jeito para o próprio umbigo mesmo.

O que somos é um ser coletivo, onde as especificidades surgem da unidade, do Uno, como o raio surge do sol sendo sol. E o que somos é bom. O somos que somos é basicamente bom, mesmo se condicionado pela visão restrita de achar que o que se pensa de ver, seja, mesmo não sendo. De fato, “o vício é uma virtude enlouquecida”, como li em algum dos belos livros de Alceu Amoroso Lima. Dessa forma, podemos separar o somos que somos (bons, natureza divina), do somos que não somos, a confusão condicionada pela visão restrita. Assim, praticamos Sati-Sofia e, na moralidade constitutiva da vacuidade encontramos a força para a prática da moralidade (amor, equidade) nas aparências (os mandamentos morais cristãos, budistas e de todas as tradições com foco no amor lúcido, amor que vê).

Então mudamos de lugar de observação trocando a obediência automática aos impulsos (que surgem na energia) pela contemplação (Sati) que vê o que surge sem se engajar automaticamente no que surge, trocando as reações impulsivas pelas respostas, que, claro, podem ser também fortes, como vemos na prática do Senhor Jesus.

6. O refúgio de Sati

Não é possível tomar refúgio no corpo pois o corpo não é um lugar seguro, confiável de refúgio, dado que ele adoece, um dia está bem, no outro, mal; ele envelhece; e ele cessa enquanto corpo se tornando ossos desconectados pelo campo. Contemplando o corpo enquanto corpo (*Satipatthana*) soltamos a identificação com o corpo, soltamos o apego ao eu e ao corpo, à saúde do corpo. A italiana Chiara Luce Badano, que faleceu bem jovem, soltou esse apego ao corpo e, sorrindo, deu um testemunho forte de liberdade-amor em relação a tal desapego agápico em relação ao corpo. O apego à casa e à família está meio que vinculado ao apego ao corpo. Soltando o apego ao corpo enquanto corpo, soltando a identificação com o corpo, mesmo cuidando dele, como pudermos, soltamos um forte apego e, assim, vai surgindo uma boa margem de liberdade. Na contemplação do corpo enquanto corpo, vamos soltando o apego ao corpo e, também, o apego ao corpo social (família, pátria, religião leiga ou confessional).

Não é possível tomar refúgio no bem-estar, nem na paz mundana, pois pode surgir o mal-estar e a perda dessa paz. Não é possível tomar refúgio na saúde do corpo, pois surgem as dores de cabeça, as doenças e, se formos esperar para estar sem alguma dor no corpo ou doença não vamos meditar muito não.

Se não tomamos refúgio no corpo, nem na paz, nem na saúde e bem-estar, pois esses refúgios não são confiáveis, onde tomamos refúgio? Na forma como isso faz sentido para mim, tomamos refúgio na contemplação daquilo que nos faz mal, naquilo que não queremos ver, não gostamos, naquilo que não queremos contemplar. Chiara Lubich, numa sua bela e prática oração-meditação, escreveu assim: “o que me faz mal é meu” (*“Ciò che mi fa male è mio”*). Ela contemplava os vultos, as sombras daquilo que lhe fazia mal, com um detalhe: “sem analisar”. Contemplava e acolhia por amor aquilo que surgia de desagradável como quem está diante do mais precioso que pode surgir (e surge) na contemplação. O que lhe fazia mal ela não rejeitava, mas acolhia “sempre, logo e com alegria” (*sempre, subito e con gioia*) sem analisar. Assim, tal contemplação não surgia para ela como um freio, mas como um trampolim (*pedana di lancio*). “Passando pelo gelo da dor”, chegava ao “incêndio do amor”.

Quem desconfia da felicidade mundana e começa no caminho da contemplação, talvez encontre uma mistura de paz e dissabores na meditação. Podem ser as perturbações, aflições,

demônios, fantasmas, medos, contradições, pavores, terrores, remorsos, ressentimentos, mágoas, rancores, angústias, apertos no corpo, mente, energia que nos fazem entrar no caminho da contemplação. Na contemplação daquilo que faz mal (sem analisar nem arredar) encontra-se o que faz bem, muito bem para o Somos que somos. Então os fantasmas, demônios, perturbações, aflições, antes odiados, agora são vistos carinhosamente como sendo sinos do mosteiro que nos chamam à contemplação.

7. Nabostê

Uma das coisas boas de, nesses últimos anos, ter conhecido vários budistas no Brasil, é que pude perceber que eles são tão confusos, problemáticos quanto nós católicos. Bem, esse “nós católicos” é bem amplo, dado que há uma variedade enorme de possibilidades desse ser católico, assim como há uma enorme variedade de possibilidades também no ser budista.

Ouvi budistas neófitos falando mal da “tradição cristã” de onde teriam vindo, e que, agora sim, com o encontro com o budismo brasileiro tudo teria mudado, teriam encontrado finalmente o “caminho verdadeiro” da libertação, deixando o caminho da “desastrosa tradição cristã” para trás. Acho esse tipo de “testemunho” muito tedioso. Tão complicado quanto o “bonzismo” dos neobudistas brasileiros que, agora libertos das amarras da “tradição cristã”, repetem a palavra “gratidão”, com as mãozinhas juntas, como quem sofre de soluço irrefreável.

Uma vez, depois do quarto “gratidão” e do terceiro “namastê”, respondi, rindo, com um “nabostê”. A pessoa que ouviu me censurou veementemente e percebi como a paz “boazista” e “gratidanista” é mesmo muito frágil, dado que o ser namastezista passou da “paz” para a raiva em menos de um segundo.

Ora, respeito quem use a palavra namastê no país onde é usada ou num contexto de prática profunda, mas esse modismo bonzista das pessoas espirituais e meditativas de soluçar “gratidão” e “namastê” considero mais como objeto de piada mesmo. A prisão de mel (“gratidão”, “namastê”) é apenas uma fachada da prisão de fel, que está ali prestes a explodir.

Budistas são tão sectários quanto os cristãos e foi muito bom conhecer budistas para entender mais os meus irmãos e irmãs cristãos, para nos absolver um pouco mais pelos nossos tantos equívocos. Felizmente conheci também budistas não sectários com os quais dialogo em português no Brasil há mais de três anos sem esses arranjos linguísticos exóticos de “gratidão” e “namastê”.

Para além e aquém de rótulos, prefiro usar as palavras Buda e búdico, e as palavras Cristo e crístico em vez de usar as palavras ideológico-confessionais budismo e cristianismo. O Espaço amplo é crístico, é búdico. Cristianismo e budismo são rótulos confessionais, expressões “religiosas” do samsara.

O Espaço amplo, a meu ver Uno-Trino, não é eira nem beira, não é lenço nem documento, não é nomes nem sobrenomes de corpos físicos ou de corpos sociais, leigos ou religiosos, mas somente, felizmente, Ágape (Somos) e Lucidez (Sati-Sofia).

8. Horizonte socialista

Caminhava em direção à faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas onde cursava o segundo ano, então estava com 19 anos. Depois de dobrar à direita na esquina onde havia o Grande Hotel, na Praça Coronel Pedro Osório, e caminhar uma quadra, tive uma visão emocional-intelectual que depois continuou. A expressão que talvez defina o que vi-senti talvez seja “horizonte socialista”, então eu vi algo que poderia chamar de horizonte socialista. Foi como se tivesse visto o céu, amplo, com um clarão entre o vermelho e o alaranjado, e um céu carregado de consolo, alegria, paz, motivação. Chegando na faculdade de Direito havia nossa assembleia do movimento estudantil. Fui representante dos alunos do Direito no Conselho Universitário por dois anos. Meus colegas-amigos eram todos comunistas, e eu era, como eles diziam, “igrejeiro”, que era como eles chamavam os que atuavam nas CEBs, Comunidades Eclesiais de Base. Os igrejeiros eram os que, a partir da fé cristã, mantinham diálogos amigáveis com os companheiros de fé comunista.

Bem, foi essa visão intelectual-emocional do horizonte socialista que me levou a estudar coisas socialistas. Havia descoberto as injustiças sociais numa rua pobre de minha cidade natal, Piratini, e isso me fez andar em busca de resolver tais problemas, mas essa visão, direi, espiritual coletiva do horizonte socialista surgiu depois, quase como uma epifania numa tarde qualquer numa rua qualquer na cidade de Pelotas.

Durante as assembleias e passeatas, era a visão do horizonte socialista que me movia, não era uma doutrina, uma ideologia, uma teoria, mas a contemplação de algo que vi como uma luz ampla maravilhosa que surgia como vapor aconchegante na realidade aparente onde estavam ruas, esquinas, praças, campos, estradas.

Anos depois, quando passei uma semana em Praga (República Tcheca), enquanto caminhava pelos bairros operários, havia quase como um descolamento entre as casas que via e o vapor do horizonte socialista que emergia também ali. O horizonte socialista surgia como algo real sobre o real aparente (ruas, bairros), sem oposição nem coincidência. O horizonte socialista surgia não como uma teoria, mas como uma realidade que via e surgia sobre a realidade. Esse horizonte socialista não coincidia com as ruas e bairros de onde surgia, nem os negava. Estava em relação, mas sem coincidência nem oposição.

O horizonte socialista surgia também nas relações comunitárias na família de nome e sobrenome, e na família espiritual de minha comunidade cristã. Um clarão vivo, aconchegante permanente de visão-emoção onde o pôr do sol coincide com o nascer do sol, sem separação entre pôr e nascer do sol.

Esse horizonte socialista não exclui ninguém, nenhum ser humano, nenhum ser vivo, nenhum ser. E nesse saboroso horizonte socialista também tomo refúgio na meditação-oração.

9. Meditação, militância e transcendência

A palavra militância é aqui usada como engajamento em algo. Entretanto, quando surge um som e o definimos como barulho, ou como barulho produzido pelo vizinho, já entramos em estado automático de engajamento, pois definimos o som do vizinho em sentido negativo, barulho. Para nós, o som da furadeira do vizinho que está colocando o armário novo de sua cozinha, pode ser definido como barulho, mas para ele, que juntou dinheiro, comprou o armário e, finalmente, está remodelando sua cozinha, é som de amor, de coisa nova. Então na meditação percebemos o som como som, sem definir ele como barulho, sem que ocorra o engajamento automático do automatismo. O mesmo vale para os cheiros, que definimos como fedores ou perfumes, nos engajando automaticamente nos cheiros que consideramos bons e rejeitando automaticamente os cheiros que consideramos ruins. Assim, na meditação trocamos o comando imediatista das reações pelas respostas lúcidas que emergem na contemplação (olhar) do que surge enquanto sons, cheiros, sensações que surgem. Isso nos ajuda também nas tomadas de decisões políticas cotidianas que já começam pela escolha do que vamos comer na primeira refeição da manhã, que não vou chamar de café da manhã pois pode ser que alguém tome chá em vez de café.

Estamos constantemente nos engajando sem perceber que estamos nos engajando. Estamos constantemente militando sem perceber que estamos militando. Então a meditação nos ajuda a olhar e ver o que está acontecendo, onde estamos e como nos movemos num mundo onde não existe neutralidade, onde tudo é carregado de valores fortes que nos arrastam para lá e para cá sem que nem percebamos isso.

Assim, a meditação em si já é uma forma política de opção pela lucidez, pela escolha que fazemos de olhar o que aparece a partir desse lugar de lucidez (Sati) que encontramos no silêncio vivo da meditação. Ou seja, a meditação não é preparação para a ação, mas é em si ação, pois visão não é preparação para ação, visão é ação, modo de ver já é em si modo de agir. Um modo de ver elimina, exclui ou inclui em si mesmo com a mesma velocidade de um piscar de olhos. Além disso, como somos o Somos, na meditação aparecem todas as infinitas relações com todos os seres com os quais estamos constitutivamente em relação, tanto os vivos nos corpos, quantos os vivos já sem os corpos, como nossos ancestrais corporalmente falecidos das nossas famílias de nome e sobrenome, famílias políticas, religiosas. Na meditação aparecem todas essas relações, surgem todos os “encostos” e todos estamos encostados uns

nos outros há muito tempo e para sempre, sem exceção. Todos estamos em relação e, quando, na meditação, percebemos isso, podemos acolher, amar, perdoar e se perdoar, ou praticar o contrário disso. Podemos querer o bem do que surge ou tentar excluir o que surge. Assim, sentados ali naquele cantinho em meditação podemos soltar sensações de aflição, podemos reconciliar, pacificar. Dessa forma, estar em meditação é como estar numa boa e eficaz passeata de reconciliação universal mesmo estando diante da parede de um quarto.

Podemos, também, participar de outras passeatas, de outras manifestações, e penso que seja bom que a passeata na rua seja continuidade da lucidez que encontramos na passeata da meditação, caso contrário, a passeata na rua se torna como um jogo de futebol do meu tempo de jogos de futebol, onde as pilhas do rádio eram usadas como armamento contra o juiz do jogo. Até hoje o ódio não salvou ninguém, só piorou a situação, sobretudo, para quem crê politicamente ou mesmo “religiosamente” no ódio.

Na meditação encontramos nossos amigos políticos vivos e falecidos (ninguém morre) e encontramos também os políticos vivos e falecidos que pensam politicamente diferente. Na meditação encontro meu amigo Marighella, rezo por ele, converso com ele, e rezo também pelo Fleury, para que seja feliz. Na meditação encontro minha amiga Rosa Luxemburgo, minha irmã em Marx, e rezo por ela, mas rezo também pelo Lenin, com o qual não concordo muito, mas entendo que não foi fácil também para ele.

Na meditação encontro também meus avós paternos, Conrado Ernani Bento, que foi prefeito pelo PTB e, de alguma forma vislumbrou o horizonte socialista pelo trabalhismo, junto com sua esposa, minha avó Cacilda, mulher ao mesmo tempo forte e vulnerável. Mãe de vários filhos, alguns morreram antes dela. Ensinou muita gente a cozinhar e, segundo João Goulart, o Jango que, junto com Brizola, frequentava sua casa, fazia o melhor doce Rei Alberto que ele comeu. Meu avô, aí pela década de 1950, ajudou na criação da ala feminina do PTB em sua cidade, a mesma onde ele foi protagonista no levar para lá a luz elétrica.

Na meditação encontro muita gente e acolho sempre o que encontro, com amor, sem medo. Antes tinha medo, mas hoje sinto até falta deles quando somem e, em vez de medo, sinto carinho pelo que surge e que antes, quando surgia, assustava. A meditação é um lugar coletivo onde o antigo e sempre novo “Somos” aparece com tudo, com todas as conexões constitutivas, com alegrias, medos, pavores. Na meditação lidamos com isso com amor e vamos vendo que a pacificação é possível.

Nesse sentido, penso que a meditação está muito mais para a amplidão transcendente do horizonte fantástico do que podemos chamar de socialismo (o Somos que somos) do que para o restrito e confinante solipsismo. Do ponto de vista de Faos (Força de amor que nos orienta e sustenta) não existe estrangeiro, não existe o meu e o teu, mas o nosso, não existe o outro, a outra família, a outra pátria, a outra religião, mas o nosso. Assim como o engajamento é constitutivo, a visão humana enquanto visão condicionada é visão de separação que crê que existe um si (pessoal, coletivo, pátria, família) e um outro (com sua pátria e sua família separados da minha). Mas a visão de Faos não é assim. Na visão de Faos somos o Somos, somos o Uno de onde surge o Trino, somos o Sol de onde surgem os raios de sol sem separação entre raios e sol e sem separação entre raios e raios.

10. Comentário de Frei Betto

Sobre o item 08, Horizonte Socialista

Maravilha de texto!, querido Fábio.

Esse céu que se abriu em vermelho e alaranjado foi para deixar passar o anjo vivificador, que te apontou o horizonte socialista, como o anjo deste meu texto sobre Walter Benjamin, que faz parte do livro “A arte de semear estrelas”.

Abraço fraterno

Betto

WALTER, ANGELUS NOVUS

Recua, recua, não deixes que tuas asas se elevem deste chão, desta matéria, desta realidade, deste imenso campo de Ezequiel no qual os ossos se movem e, rearticulados, erguem-se vitalizados por sangue, músculos e carne. Ainda que tuas asas se abram e teu corpo hirto aspire ao futuro, deixa teu pescoço virar e teus olhos contemplarem o que ficou lá atrás. Ficou Berlim, ficou a Galeria Hans Goltz de Munique, ficou teu amigo Scholem, ficou em mãos de George Bataille teu talismã, a tela de Paul Klee.

Agora tua respiração ofegante exila-se através da noite nos Pirineus; agora tuas mãos se agarram ciosas à mala trazida de Marselha; agora estás em Port Bou, e aos 48 anos já nada te consola, nem mesmo Baudelaire.

Mas as vozes não se calaram dentro de ti. Reboam altissonantes, e te fazem mirar o que ficou para trás, entender que o passado jamais passa se seguirmos os passos miúdos dos vencidos e, atentos, ouvirmos os seus sussurros.

Estás exausto, esgotado, neste exato momento a Gestapo se aproxima: teu anjo não pode voar para trás nem para frente, apenas para o alto. Tu que és um materialista místico, e recorre à teologia para produzir boa filosofia, num quarto de hotel ingeres a cápsula e voas para cima. São 10 horas da noite de 26 de setembro de 1940.

Todo o teu ser transcende-se, volatiliza-se, esvoaça, mas tuas idéias se confundem com o fulgor das estrelas que chovem meteóricas para ferir e sulcar a terra, semeando indignações e percuciência.

Teu anjo insiste em olhar para trás. E vê o que não vemos, a não ser pelos olhos dele: o vasto campo dos corpos anônimos, dos carpinteiros dos navios de Alexandre Magno, dos ceramistas das catedrais medievais, dos servos de todos os reinos, majestades e potestades. É ali que a história encontra seu berço, seu texto, seu preço. É naqueles corpos esquecidos, oprimidos, esquartejados, vencidos e varridos, que tua memória, como o milagre descrito por Ezequiel, rejunta os fragmentos e refaz o corpo, o corpo da história, o corpus denso e irremovível da verdade.

Bem sabes que é preciso a força da embriaguez para levar a cabo uma revolução, pois teu anjo é lúcido e impotente. Impossível retornar ao passado, mas trata de resgatá-lo no presente, ainda que as vítimas prossigam sem redenção, exceto a da memória reverenciadora. Muitos dirão que são conjunturas, sacrifícios inevitáveis, pequenos assassinatos que justificam grandes causas. Mas tu, sentinela da porta do Éden, não permitas que nos deixemos seduzir pelas maçãs rubras que nos são estendidas, perfumadas, por aqueles que, em nome do progresso, preferem cultuar cemitérios.

És tu a luz de nossa razão neste tempo de tanta estultice e irracionalidade. Nele tua obra nos faz querubins, serafins, benjamins.

11. Comentários de Rodrigo Duque Estrada

Olá Fábio, gostei muito do texto, ficou bem bacana.

Gostei bastante da primeira parte como introdução através de metáforas, de filmes e simbologias. Mas não captei bem o que seria “samsara”, especialmente quando você adjetiva como “samsárico”. Creio que essas referências, bem como Mara (bem como Lúcifer), poderiam ser contextualizadas brevemente, indicando onde se encontram em escrituras ou tradições. Isso tornaria o texto mais claro na hora de acompanhar o seu raciocínio sem precisar reler frases, e também mostraria sobreposições e aproximações entre distintas tradições. Aliás, já que seu texto é ecumênico, não seria interessante trazer simbologias análogas de outras tradições? (Islã Sufi?).

O mesmo se aplicaria para termos como Sati e agápico, ascese, kenosis. Elucidar isso de maneira bem simples (como a tradição descreveu Sati?) vai ajudar muito o leitor na hora de compreender jogos de palavras (“Uma vez com Sati, para sempre com Sati, pois Sati é o que sempre foi, é e será”).

Gostei muito mesmo da discussão sobre ego, id e superego e a noção de que o ego é na verdade um pobre coitado que merece férias.

A questão da ética ou moralidade me deixa inquieto. Você afirma que não há niilismo ou relativismo moral, que não seria um “tudo pode porque nada é”. Por que a lucidez (sati) seria ética? Logo abaixo você coloca: “Inexistência sem esforço, pois, de fato, o não ser é o que é, sem nunca ter sido montado. Assim em vez de defendermos com unhas e dentes o que pensamos ser, podemos soltar tal apego fabricado e descobrir o que somos antes mesmo de ser o que pensávamos ser”. Isso poderia ser melhor explicado? Por que isso seria ético? Isso é uma das coisas que sempre tenho dúvida sobre tradições que ensinam da meditação como não contradição com a ação política ou moral: como não é niilismo? Haveria uma âncora ética na vacuidade que levariam as decisões rumo a um mundo mais justo ou mesmo socialista? Agir não é necessariamente conflitante? A mente quando define coisas na realidade não partiu essa realidade ao meio (a limitou, criou bloqueios) no mesmo sentido que um partido quando é fundado partiu a realidade e moralizou o bom e o mal? Será que a gente não encontra mecanismos para justificar que o vazio ou o silêncio estão também do nosso lado politicamente? (Talvez porque tenhamos medo de encarar que sua beleza é também devastadora?). Nesses jogos de palavras do sou que não sou, do estar e não estar, de ser e não

ser, nessa inexistência, espaço sem espaço, o que garante que Sati está do nosso lado ou nos sugere um caminho ético na política? Poderia um direitista anti-igualitário, antissocialista, defensor do Estado mínimo, da liberdade absoluta de mercados, etc., poderia este sujeito também meditar e observar este vazio? Sati o levaria a mudar de opinião, a defender a democracia igualitária? Veja, não é que discordo de você, mas eu tenho dúvidas se Sati é Sabedoria na História e na Política. Se o seu Deus é o Deus do amor, do perdão da justiça e da igualdade, seu Deus é não é o mesmo deus da maioria da população, nem do catolicismo, nem de outras tradições. Não creio que o seu Deus acharia correto ato de seppuko (suicídio de samurais)? Mas seppuko era muito praticado como forma meditativa, que facilitava o desligamento moral do corpo para uma auto-execução fundada em tradições de honra militar. Quando você diz: “Meditação numa empresa poderia ajudar a perceber que a empresa poderia ser um espaço de economia de cooperação, autogestão envolvendo o ponto de vista de todos os seres”, eu concordo plenamente, mas porque faço parte (partido) do seu ponto de vista, que eu creio ser universal, humanista, ideal, verdadeiro. Mas será que um meditador capitalista não possa encontrar essa vacuidade de Sati defendendo que a meditação numa empresa significaria, sem culpa, sem conflitos, continuar a expropriar, gerando renda e emprego?

Gostei muito da sua discussão sobre estrutura e conjuntura como identidades que nascem e morrem. O texto todo é bem elucidativo, pedagógico, interessante, dá vontade ao leitor de aprofundar! Parabéns pelo texto, querido!

Abraço

Rodrigo Duque Estrada Campos

Doutorando no Departamento de Política (Universidade de York, Reino Unido)

12. Resposta a Rodrigo

Olá amigo

Muito obrigado mesmo, que lindos questionamentos.

Sobre tuas perguntas, não saberia responder, mas gostei das perguntas e acho que uma boa pergunta é algo tão bom que se a gente responder, estraga a pergunta. Então o lugar de uma boa pergunta é ficar pairando no ar sem que uma resposta diminua sua liberdade e beleza.

Fábio

Referências

ARAÚJO, Vera. Agire agapico e scienze social. In: Nuova Umanità XXXI (2009) 182, pp. 245-251.

ARAÚJO, Vera. Le relazioni sociali agapiche. Città Nuova Cultura e Informazione. 2010. Disponível em: [Vera Araujo: le relazioni sociali agapiche - Città Nuova - Città Nuova \(cittanuova.it\)](http://Vera_Araujo_le_relazioni_sociali_agapiche_-_Città_Nuova_-_Città_Nuova_(cittanuova.it)). Acesso em 25/04/2021.

BETTO, Frei. BARBEIRO, Heródoto. O Budista e o Cristão. Um diálogo pertinente. FONTANAR. Ed. Schwarcs. São Paulo - SP. 2017.

CHAGDUD TULKU RINPOCHE. Portões da prática budista. Três Coroas (RS): Ghagdud Gonpa, 2003.

CIARDI, Fabio. Viagem ao paraíso. A experiência espiritual de Chiara Lubich no verão de 1949. São Paulo: Cidade Nova, 2020.

GRÜN, Anselm. O céu começa em você. A sabedoria dos padres do deserto para hoje. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUBICH, Chiara. Scritti spiritual/1. Roma: Città Nuova, 1978.

LUBICH, Chiara. Risurrezione di Roma (1949). Editoriale. In: Nuova Umanità XVII (1995) 6, pp.5-8.

LUBICH, Chiara. Come ottenere e mantenere la presenza dello Spirito Santo. Effetti. Vídeo. Setembro 2018. Grottaferrata. Código evento: FM20180901-01.

MAGGI, Alberto. Dio e il male: dalle religioni primitive a Gesù. 2016. Disponível em [Dio e il male: dalle religioni primitive a Gesù, la riflessione del biblista – ilLibraio.it](http://Dio_e_il_male:_dalle_religioni_primitive_a_Gesù,_la_riflessione_del_biblista_-_ilLibraio.it). Acesso em 26/04/2016.

MF. Come un arcobaleno. Gli aspetti nel movimento dei focolari. Roma: Città Nuova, 1999.

SAMTEN, Lama Padma. A roda da vida como caminho para a lucidez. São Paulo: Peirópolis, 2010.

SMITH, Huston. Budismo. Le religioni del mondo. Roma: Fazi Editore, 2011, p.113-199.

TERESA DE JESUS, Santa. Castelo interior ou moradas. São Paulo: Paulus, 1981.

THICH NHAT HANH. Velho caminho, nuvens brancas. Seguindo as pegadas do Buda. São Francisco de Paula (RS): Bodigaya, 2020.

